CONHECIMENTOS UTEIS.

DOS ACTOS LEGISLATIVOS DENOMINADOS
BILL D'INDEMNIDADE.

1218 N'um precedente artigo sobre as opposições parlamentares, começámos por notar a irregularidade grammatical do epitheto *pseudo-constitucional*, applicavel ao governo da Grã-Bretanha e aos que, tomando-o por modêlo, se tem formado em varios paizes da America e Europa. Hoje que temos de tractar do que em linguagem constitucional se deveria chamar *amnistia ministerial*, notaremos que tambem para designar esta especie de actos emanados das Camaras Legislativas, se ha importado nos dois continentes a neologica expressão de *Bill d'indemnidade*.

Ha quem apadrinhe a adopção da palavra *Bill*, por não achar na nossa lingua nenhuma que exprima a mesma idéa, nem tanto lhe agrade ao ouvido. Não querendo entrar aqui n'uma discussão grammatical, diremos só que negamos a supposta mingua, e que quanto á palavra em si mesma, falta-lhe a condição apontada pelo mestre do bom gosto — *Si graceo fonte cadant*, etc.

Não é porém puramente grammatical a pertenção de fazer admittir n'este caso a palavra *indemnidade*. Não porque ella dê ao leitor idéas falsas; mas porque não lhe apresentando significação alguma, elle a acceita pelo que val, e conclue que não significando nada a expressão, o objecto que por ella se quer designar, pouco ou nada val.

Indemnidade? Mas aqui não se tracta de indemnisar pessoa alguma; e, por tanto, facil coisa é conceder indemnidade quando não ha que indemnisar. Assim discorrerá quem aprecia o valor da expressão pela sua ordinaria etymologia, como geralmente se pratíca.

Para corrigir este engano, faremos observar, que na phrase britannica *indemnidade*, n'este caso, não significa, como de ordinario, *reparação de damno*, mas sim, *não condemnação*, sem passar pelo juiso contencioso, aonde, segundo as leis, deveria o caso ser levado.

Isto é, nem mais nem menos, o que em jurisprudencia se chama *amnistia*, como em varias occasiões, tractando da theoría d'este importante e tão mal entendido ponto de Direito, havemos demonstrado.

Entendida pois a significação dos termos, facil será satisfazer ás questões a que a sua applicação possa dar logar. Hoje limitar-nos-hemos á primeira e principal, que vem a ser: ¿Devem as camaras conceder ao Ministerio um *Bill d'indemnidade* todas as vezes que elle o pedir?

Respondemos: pois que um *Bill d'indemnidade* nada é mais do que uma *amnistia*, reduz-se esta pergunta a saber, se se deve conceder ao Ministerio uma amnistia, sempre que elle a pedir.

Haverá muita gente que sem hesitar responda que não, entendendo que o contrario seria um monstruoso absurdo. Nós distinguimos n'este caso, como já o fizemos na questão sobre as opposições parlamentares, a saber: n'um governo verdadeiramente representativo: *não*; — n'um governo pseudo-constitucional: *sim*. Eis-aqui a razão.

Nós temos escripto, que os unicos casos de se conceder amnistia, são aquelles em que se não poderia intentar processo judicial, sem se offender algum principio de justiça, tal como o de dever levar a causa perante juizes que, por principios de Direito, não podem ser juizes.

N'este caso se acham os Ministros, que em governos taes como o da Grã-Bretanha, pedem amnistia para os seus actos, sobre tudo quando estes consistem na usurpação do poder legislativo.

Dois principios incontestaveis de Direito se oppõem a que a camara dos Communs, unica accusadora legal dos Ministros, os ponha em processo: a primeira é porque devendo accusal-os perante a camara dos Lords, reconhecerá a competencia d'esta camara para cumular as attribuições incompativeis dos dois poderes: legislativo e judicial, isto é, renegará o principio da sua existencia constitucional, que é a *independencia e separação dos poderes*.

A segunda razão, é porque consistindo o delicto na usurpação do poder legislativo; a camara dos Lords (bem como a dos Communs) é parte offendida: e todos sabem que ser ao mesmo tempo juiz e parte seria a maior de todas as iniquidades.

Mas, dirá alguem, a camara dos Lords é juiz competente, segundo a constituição do estado, e portanto recusar-se a reconhecer-lhe essa competencia é crime de lesa-magestade nacional.

Certo: todo o cidadão deve respeitar como legitimas as sentenças emanadas da camara dos Lords, quando esta tem exercido as funcções de tribunal judicial, na fórma da lei; mas ninguem tem obrigação de fazer uma coisa impossivel; — e é impossivel, porque é contradictorio, que alguem reconheça por boa uma lei, que a sua razão conscienciosa conhece ser má. — O mais que a prudencia lhe póde dictar é que se calle; póde a ordem publica exigir que lhe obedeça; mas isso é tudo o que elle póde prestar: e isso é quanto basta á sociedade de que elle faz parte. Mas o que nem a razão, nem o amor da ordem publica permittem, é que um cidadão, e muito menos a camara dos Communs, que representa todos os cidadãos, provoque, mediante uma accusação expontanea, o exercicio do poder judicial por uma corporação que já se acha envestida, como ella, no poder legislativo. O seu dever é de fazer cessar essa antinomía, usando o parlamento da omnipotencia que de pleno direito lhe compete.

10 de janeiro de 1843.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

(Vem de pag. 192.)

1219 O pouco espaço, que um pequeno jornal póde dedicar a cada objecto, não permitte que a este se dê aqui a necessaria extensão: accrescendo que sem variedade e bom gosto não podem subsistir taes semanarios instructivos.

Para abreviar pois o muito que deveria dizer, vou resumir em um mappa a instrucção universitaria, relativa á nossa população, a mocidade n'esta, e as contribuições directas. Sendo o meu empenho poupar espaço, a população geral por inteiro será omittida agora por já ficar a pag. 63: os estudantes tambem por já estarem a pag. 114.

Districtos Administrativos.	Contribuições directas. Relatorio da Fazenda de 31 de julho de 1840.	Individuos de 14 a 20 annos pelo annuario, Longitudes de 1837.	Termo médio. População.	Termo médio. Individuos de 14 a 20 annos.	Numero de Estudantes em cada faculdade em relação com a população. Theologia.	Direito.	Medicina.	Mathematica.	Philosophia.	Termo médio por alma da contribuição directa.	N.os d'Ordem. Estudantes.	População.	Contrib.ção por alma.	Composição.	Divisão do Reino. Minho, Tras-os-Montes, e Beira ao N. Estremadura, Além-Téjo, e Algarve ao S. Estudantes.	Contribuição.	Composição de n.os
Vianna	91,174$762	22,051	7,292	918		10,294	87,506	87,506	58,337	571	8	8	6	4,8			
Braga	105,199$567	36,009	6,212	782	285,792	9,219	95,264	71,448	40,827	369	5	4	11	6,5			
Porto	193,467$009	43,071	2,947	371		4,557	42,730	22,789	18,991	567	2	2					
Minho	389,841$338	101,133	4,315	543	802,646	6,525	61,742	38,221	28,665	486							
Villa-Real	105,429$603	21,932	7,252	913		10,897	34,813	87,033	174,067	605	8	9	5	4,0			
Bragança	63,703$734	15,484	5,852	737		7,229	61,446	122,893	122,893	522	10	14					
Tras-os-Montes	169,133$337	37,416	6,599	831		8,998	42,422	148,480	148,480	571							
Aveiro	57,716$366	28,157	4,063	511		5,730	44,695	44,695	44,695	258	4	6	17	18,3			
Coimbra	109,794$215	29,499	1,345	169	21,283	3,344	5,853	7,094	7,094	469	1	5	10	29,0			
Vizeu	94,649$362	36,282	4,799	604	287,957	8,998	31,995	26,177	26,177	329	3	3	14	12,0			
Guarda	65,659$478	24,415	5,536	698	21,530	10,198	64,590	64,590	64,590	340	6	7	13	11,6			
Castello-Branco	40,692$992	16,101	6,725	847		10,649	127,793	31,948	31,948	320	12	11	15	9,5			
Beira	368,512$413	134,457	3,111	392	50,815	6,204	18,398	29,642	19,055	345					3,774	428	2,044
Leiria	35,414$318	15,618	7,747	976	61,979	15,494	61,979	61,979	61,979	288	13	13	16	8,0			
Lisboa	404,233$435	50,494	11,833	1,497		18,288	100,585	100,585	100,585	1,005	7	1	3	1,4			
Santarém	95,293$213	17,897	7,102	894		15,783	28,409	47,349	47,349	671	11	10	4	4,0			
Extremadura	534,940$966	84,211	9,547	1,203	334,173	17,137	60,758	74,260	74,260	800							
Portalegre	92,619$228	10,144	8,945	1,127		13,418	40,256		80,512	1,157	14	17	2	1,8			
Evora	110,766$668	10,167	10,086	1,270		20,172	40,346		40,345	1,384	15	16	1	1,0			
Béja	52,665$357	12,966	25,727	3,241		25,727				516	16	15	9	2,0			
Alemtejo	256,051$253	33,277	12,576	1,584		18,865	66,027		88,037	969							
Faro	46,000$024	15,786	41,763	5,262		125,290		125,290	125,290	368	17	12	12	1,5			
Algarve															11,252	791	20,795
Reino	1,764,479$331	406,283	4,827	608	134,353	8,441	34,671	46,063	32,570	547							
1.a	2.a	3.a	4.a	5.a	6.a	7.a	8.a	9.a	10.a	11.a	12.a	13.a	14.a	15.a	16.a	17.a	18.a

Confesso que não approvo — independentemente de quaesquer opiniões politicas que tenha defendido, professado, ou que me tenham sido attribuidas — o novo systema de fazenda, e não o approvo posta de parte a religiosidade com que elle tenha sido desempenhado pelos seus agentes — porque elle em si é vicioso. Ninguem alevanta uma máchina com mais rodagem do que a necessaria para ella trabalhar. A belleza, o ingenho, o talento de uma invenção está na sua simplicidade. A sua utilidade na sua economia, sem a qual não tem applicação.

Em materias de governo, já as aberrações voluntarias são bastante — não é preciso lançar-lhe tambem á conta as involuntarias. — A centralisação, no regimen representativo cuja essencia é a localisação, é verdade que traz comsigo uma contradicção, que não póde deixar de trazer uma perda. Reflectindo entretanto sob todos os aspectos para a França, é de vêr que se não póde alli condemnar esse despotismo de segunda mão. A sua superficie é muito grande, a sua população não está por ora bem caldeada entre si (*), os interesses d'ella são diversos, tem juncto em si mais territorio e mais população do que nenhum outro estado da Europa do centro — se a força centrípeta não lhe valesse, podia talvez desmembrar-se: e não ha gabinete algum da Europa que não almêje por vêr desmembrada aquella nação, ao que ella ha-de surgir superior, uma vez que chegue a ter os seus caminhos de ferro, e por esse novo elemento fundido em um todo a sua população, costumes e interesses. Emquanto esse dia não chega os seus grandes politicos hão-de sempre olhar com muito sobresalto para qualquer desvio, em que a sua unidade territorial possa perigar.

(Continuar-se-ha.)

C. A. da Costa.

HISTORIA RESUMIDA DA INVENÇÃO E MELHORAMENTOS DAS MACHINAS DE VAPOR, PELO SR. VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO.

Introducção.

1220 É tão importante como difficil a historia, em que vou entrar; porque os seus elementos se acham por ora dispersos por diversas Obras scientificas, que me foi necessario consultar, e que seria enfadonho citar e referir a cada passo; aquelles auctores em que se acham mais subsidios, são os seguintes — T. Duverne. « *Descripção das Machinas de Vapor, Quarta Edição, Liège*, 1839. — Mr. Janvier, *Manual das Machinas de Vapor applicadas á Marinha, París*, 1838. M. Ed. Biot. *Manual do Constructor dos Caminhos de Ferro. París*, 1834. — De todos estes me servi; porém, devo confessar que achei algumas relações historicas mui curiosas em auctores, que tractaram de outros objectos, como *Mr. Bélidor* na sua *Architectura Hydraulica*, o *Diccionario Historico etc.* Não me vanglorio de fazer uma historia completa; mas pelo menos os leitores instruidos lhe acharão algum merecimento, e d'esta maneira poderei despertar outras pennas mais habeis, que a melhorem e levem á perfeição, a que eu a não posso chegar.

Capitulo I.

Primeiro e original descobrimento.

I. — *Héron de Alexandria*, discipulo de *Ctesibus*, inventor dos Clepsydros de agua, de muitos autómatos admiraveis, de muitas máchinas movidas pelo vento, e de outros utilissimos descobrimentos, foi quem primeiro conheceu e applicou a força expansiva do vapor ao movimento de uma pequena máchina muito simples. Compunha-se esta de uma especie de *éolipyla*, aonde se encerrava a agua, tinha uma figura pyramidal e na extremidade um tubo em cruz, tapado nas pontas com dois pequenos furos lateraes e contrapostos. O pé da cruz era fixo, os braços moveis, e para isso ajustavam no pé fixo por meio de um encaixe similhante á tampa de um agulheiro, que girava justo e folgado, permittindo ao vapor expansivo a passagem pelo interior até á extremidade dos braços, aonde encontrava a saída atravéz dos estreitos orificios lateraes e contrapostos.

Punha-se esta pequena máchina em cima do fogo, a agua fervia, e o vapor, saindo com força para os lados oppostos na extremidade dos braços, reagia contra o ar externo, da mesma fórma, que vemos acontecer nas rodas dos fogueteiros pelo effeito do fogo, vapor e gazes expansivos, que sáem dos foguetes ali presos. Eis-aqui a infancia das máchinas de vapor na éra de 100 ou 120 annos antes de Christo vir ao Mundo.

O espirito humano caminha muito de vagar nas suas invenções e nos melhoramentos d'ellas; por esta razão desde a épocha da Redempção do Mundo até ao anno de 1543, nenhuns vestigios se encontram da applicação do vapor ao movimento de máchinas uteis; n'esta éra porém, reinando, na *Hispanha, Carlos V.* um tal *Blasco de Garay* propoz a este rei um certo systema de máchinas de vapor, applicadas ao movimento dos barcos; mas esse systema é desconhecido; — e só consta que empregava uma caldeira com agua, fogo, e rodas de pennas; e que fez alguns ensaios em *Barcelona* para mover um navio de 200 tonelladas. Colhe-se esta noticia de varios manuscriptos achados nos archivos d'aquella cidade; todavia, nem ha bastantes provas da sua authenticidade, nem justos motivos para lhe chamar apóchriphos, como pertendem alguns auctores.

II. — Pelos annos de 1562 já era conhecida a applicação da força expansiva do vapor a esgotar a agua das minas; porque nos sermões de *Mathesius* se encontra um passo, em que elle assim o diz, prégando a uns mineiros: Em 1570 houve um italiano, chamado *Scappi*, que teve a lembrança de applicar a máchina de *Héron de Alexandria* aos espêtos de assar carne, para os fazer andar de roda. Em 1615 um francez, chamado *Salomão de Cós*, inventou um novo apparelho para applicar a força expansiva do vapor a fazer elevar uma dada porção de agua. Consistia este invento em fazer um grande vaso metálico de figura esphérica, sustentado em tres pés, afim de lhe metter o fogo por baixo; um tubo vertical entrava n'elle justo e soldado, chegando até ao fundo, mas sem lhe tocar.

Emfim, este mesmo vaso tinha no lado outro tubo munido de uma torneira, que servia para lhe introdu-

---

(*) Il avait (le territoir) toujours été partagé en provinces, successivement unies à l'ancienne France. Ces provinces, différant entre elles de lois, de priviléges, de mœurs, formaient l'ensemble le plus hétérogène. Sieyes eut l'idée de les confondre par une nouvelle division qui anéantit les dimanations anciennes, et ramenât toutes les parties da royaume aux mêmes lois et au même esprit. Thiers. Rev. Française C. 4. Ass. Cond, p. 135. Ed. Brux. 1834.

zir a agua, e fechar-se depois. Estando assim dispostas as coisas, e tendo-lhe deitado dentro uma porção de agua, que fosse capaz de enchel-o, salva sómente uma pequena parte no cimo do mesmo vaso, é evidente, que, em lhe fazendo fogo, o vapor se ajunctaria no espaço vasio, já dicto, e com a sua força expansiva comprimindo a agua, necessariamente, a faria saír pelo tubo vertical com muita força, podendo-a elevar a grandes alturas por meio de manilhas, convenientemente dispostas. Imperfeitissimo era este invento; porque sómente se podia elevar agua a ferver com grandes intermitencias de tempo e muito consumo de combustivel; mas é claro, que, depois de dado o primeiro passo, não era possivel que alli parasse o espirito humano: infallivelmente se haviam de fazer novas tentativas, e proceder sempre de melhoramento em melhoramento até conseguir as máchinas de vapor, que hoje temos, se não perfeitas, pelo menos já muito uteis.

III. — O *Marquez de Worcester* é reputado, na *Inglaterra*, primeiro inventor das máchinas de vapor; mas nunca as conheceu, nem sequer fez algumas experiencias; apenas deixou escripta uma confusa descripção intitulada — *A Century of inventions* — que parece quadrar um pouco ao apparelho de *Salomão de Cós*. Sabe-se que existia uma carta de *Marion de Lorme* ao *Marquez de Cinq-Mars*, em que lhe dizia — ter visto o *Marquez de Worcester* na casa ou hospital dos doidos de *Bicêtre*, conversando com um homem, reputado maníaco, e alli encerrado por ordem do Cardeal de *Richelieu*, no reinado de *Luiz XIII*, por causa de ter asseverado — «*que descobrira a maneira de substituir a força dos animaes e das correntes por meio do vapor da agua a ferver.*» — É provavel que este infeliz, talvez dotado pela natureza de um grande talento, e rara habilidade, explicasse o seu systema de machinismo ao *Marquez de Worcester*; e que elle depois se désse por inventor, visto que o verdadeiro estava condemnado pela infallibilidade scientifica do Cardeal, e gozando os premios que o despotismo costuma dar aos auctores de coisas admiraveis. — Segundo as explicações, que nos dá *Tredgoold* dos apparelhos descriptos por *Worcester* (projectados, e não executados) parece que, tinham alguma similhança com os de *Savary*, por consistirem em dois vasos separados, que trabalhavam alternadamente. Por onde se infére, que poderia ser o mesmo systema de *Salomão de Cós*, porém duplicado.

IV. — Pelos annos de 1683 appareceu na *Inglaterra* a nova invenção de *Sir Samuel Moreland*; e consta de antigos manuscriptos, que elle a offerecêra a *Luiz XIV*; todavia, sendo esta um segredo particular, que não teve effeito, apenas se sabe o que elle expunha ao rei de *França* dizendo-lhe — *Que a força do vapor da agua a ferver era tão grande, que podia fazer arrebentar um canhão de artilheria; mas que esta força se poderia moderar e tornal-a utilissima.* (*Continuar-se-ha.*)

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O DESACATO DE SANCTA ENGRACIA.

15 *de Janeiro de* 1630.

1221 O alvor do dia 15 de janeiro de 1630 descobre roubada a egreja de Sancta Engracia de Lisboa, e desacatadas as sagradas Fórmulas. Arma-se logo de ponto em branco a justiça humana, para vingar a divindade offendida e ultrajada. Nuvens de soldados e ministros vedam por toda Lisboa a saída de sua casa a qualquer pessoa, palpam cautelosamente as que entram, e revistam o interior das habitações. Recolhia para a sua *Simão Peres de Solís*. Negocios de amor, em que não deixava de entrar um certo desacato d'outra especie, o haviam entertido n'esta noite. Preso, e interrogado, faz, pela incoherencia ou reserva de suas respostas, recaír sobre si suspeitas de cumplicidade no tremendo desacato. Era *Solís*, de mais a mais, christão novo: e um christão novo, que pertende occultar o como, e aonde passou a noite do desacato, é sem dúvida o auctor ou cúmplice d'elle. Tal era ao menos a logica dos christãos velhos de ha dois seculos. Poucos dias eram passados, e já se executava em *Solís* a sentença de fogo. Aos prudentes pareceu, quando mais não fosse, precipitada: mas em tal caso, os embargos da prudencia não eram de receber. O tempo, inexhoravel descobridor de verdades, veio a resolver todos os enigmas. O verdadeiro auctor do sacrilegio a si proprio se denunciou, quando em uma cidade de Galliza foi justiçado por outras malfeitorias: e a anecdota de — *o callado é o melhor* — vulgarisada ha pouco tempo n'uma formosa chácara, transformou a *Solís* de malfeitor em heroe de constancia, e fidelidade. — Do desacato tirou a principal fidalguia de Lisboa occasião de fundar a Irmandade dos Escravos do Sanctissimo Sacramento, cujos sumptuosos tríduos annuaes tão célebres se tornaram. — Como monumentos de todos estes successos ahi estão as proverbiaes *obras de Sancta Engracia*.

J. H. da Cunha Rivara.

RÁUSSO POR HOMIZÍO.

Romance Historico.

(*Continuado de pag.* 195.)

VI.

Homizío por Homizío.

1222 Passados alguns momentos volveu Issachar ao seu accôrdo: ergueu-se sobresaltado, e correndo os olhos espantados pela corredoira, forcejava por atar o fio de suas recordações meio apagadas; porém a pouco e pouco se lhe avivou a lembrança do que havia passado; e já subia para o apozento, aonde com Portocarrero travára o dialogo, que referimos, quando uma rija aldrabada, abalando a porta, o estacou á entrada tremulo e desfallecido.

— ¿Quem bate?

— ¡Abri a Isaac de Santarém! — gritou de fóra uma voz cheia, respondendo ao tiple esganiçado da velha Rachel. — D'ahi a curto espaço um homem alto, de cabellos grisalhos, e aspecto grave abraçava Issachar.

— ¡A bençam de Jehovah desça sobre ti das alturas! — exclamou elle — Similhante a Josué venho alentar as esperanças de Israel.

— ¡Isaac! — viste a Benóni?... que é da minha Esther?

— Segurou-lhe refúgio um nasareno. Asserena o ânimo.

— ¡Não me enganou elle!... déste pelo aviso¿... o velho Judas?...

— Chegou tarde. — Pela volta da hora da sexta á minha pobre morada bateu Samuel, filho de Judas, e disse-me: — Saúda-te Issachar de Coimbra, como o anjo saudou a Loth, e te requer a filha do seu amor, a formosa Esther. — Ergui-me, e ouvi. No outro dia ao romper da alva ía ella caminho....

— ¡ Da perdição! — atalhou com um suspiro Issachar. Malaventurado de mim, que, tão cego como Tobias, a atirei ao laço dos incirconcisos....

— Mas logo depois — proseguiu Isaac — Pero Britador, que alli viera feirar, segundo costume, soube, que a haviam salteado e levavam captiva dois cavalleiros da côrte.

— ¡ Sim! ¡ andavam perto espreitando o lanço! — interrompeu o outro — por um escudeiro de Martim Cravo me enviou o armeiro este aviso: — ¡ acautela-te! dois amallecitas que foram no homizío de Portocarrero, traçam roubar a tua Esther..... E eu tão louco, que de um velho trôpego fiei o recado, que só de mim devêra fiar!... mas era proximo o dia de arrecadar os direitos reaes, e....

— ¿ Não creste no aviso do nasareno?.... disse o outro — apenas me soou a noticia, cingi as roupas, e respigando, como Ruth no mesquinho campo do meu thesoiro, segui-os pelo rasto; o oiro tentará o Pharaó incirconciso, ou a sua linda Dalilla, dizia eu comigo — mas não me desamparou o Deus de Moysés: — descançava á beira da fonte, todo embebido no meu cuidado, quando avistei, galopando á rédea larga um cavalleiro, que no perpassar me soltou estas palavras — Socega Isaac.... a Judia é salva.... ¡ entregou-a o Alcaide de Montemór! — abençoei-o então como Johazor abençoou a Rebecca na fonte de Bathuel....

— ¿ E quem era o cavalleiro?

— Robusto e victorioso fere o seu braço, e similhante a Gedeão nunca lhe resistiram muros, nem torres... chama-se Reimão Viegas.... tres dias antes o havia eu agasalhado em Santarém, e bem me pagou agora a poisada....

— ¡ Deus de Abraham! ¡ é o mesmo!.... ha pouco era elle aqui.... a noticia colhia-a da sua bocca, e acreditei-o, que de largos tempos o conheço, e nunca quebrou palavra, que désse..... ¡ oh!.. ¡ mas aquelle grito!.... era de mortal agonia.... mataram-no, Isaac, e com elle morreu a esperança de Israel....

O judeu depennava as barbas, e chorava lagrimas como punhos. Isaac olhava para elle assombrado, não sabia atinar com o motivo de tamanho pranto...

N'este momento pela rua soou um murmurio de vozes, e rumor de passadas; e logo apóz bateram na porta uma pancada rija.

— ¡ Deus de Moysés! ¡ são elles!.... ¡ escondei-vos Isaac, que vos não sintam!... ¡ Rachel, abri! irosos os tornará a demora.

Dois vultos assomaram á entrada, rebuçados em mantos escuros; destraçaram-n'os, e o Judeu conheceu os dois cavalleiros.

— ¿ Isaac, sabes a que venho? — perguntou Estevam Pires.

Quiz responder o judeu, mas a voz ficou-lhe presa na garganta.

— Por certo, que o adivinhaste já — proseguiu com um sorriso ironico o cavalleiro — amarga e acre é a taça da vida.... não sei tecer aranzeis.... ¡ serei breve! — ¿ aonde está a chave de tuas arcas?.. ¡ responde com uma palavra!...

— ¡ No inferno arda eu com Datan, Coré, e Abiron, se tenho lá de meu um maravedí!... achareis os direitos vencidos nas herdades do senhor rei.... ¡ mas custar-me-hia a vida na forca o perder uma mealha!.. ¡ apiadae-vos! — E o judeu, estorcia as mãos, e abraçava os dois pelos joelhos.

— ¡ Fóra cão maldicto!... ¿ que tenho eu com os direitos?.., da forca terás os olhos mais apontados para o céu, e dançarás, como uma estrella, nos ares.... ¡ Issachar, escolhe! darás a chave, ou ámanhã na almacova dos judeus chorarão teus irmãos sem remedio sobre um cadaver.... A tua Esther é nossa captiva... ¡ todo o teu oiro pelo seu resgate!

— ¡ Mentís Nasareno! — bradou desatinado o judeu — ¡ salvou-a o filho do velho, que assassinaste!...

— ¡ Ah!... não te enganes, meu querido Issachar, — acudiu com amargo sorriso Fernão Gonçalves — Bem guardada a temos.... ¡ E ámanhã uma loisa e alguns punhados de terra cobrirão para sempre o segredo, que dorme nos labios do morto!... ¡ o homem, que d'aqui saíu, não verá mais a terra!....

¡ Judeu o tempo corre; só a preço de oiro haverás a tua Esther! ¡ ou por Santiago Apostolo, que d'aqui a uma hora será já tarde o arrependeres-te! um golpe puxado d'alma.... esse rio que vae fundo... e ficará tudo callado entre dois....

— ¡ Só vos esquecia o terceiro, meus leaes cavalleiros!

— ¡ Jesus! — exclamaram os dois espavoridos, — ¡ é Portocarrero!

— ¡ Já não vive esse triste! — disse D. Reimão — ¿ mataram-n'o saudades, desesperança, e agonias?... ¡ agora só aqui está o servo desprezado, o pobre folião perdido, que jurastes pôr ás varas!... ¡ como se esvaeceu o esforço de tão robustos corações!... ¿ tentaes as saídas? ¡ mais segura bateu a minha espada no alvo, do que o ferro dos vossos assassinos no peito de um falcoeiro sem ventura!... ¡ já vos conhecia assás!... ¡ agora, nobres cavalleiros, é tambem já tarde o arrepender-vos!... ¡ Pero Britador!... ¡ são as adagas para as cingirem os estremados, a estes nem cabem punhaes de covardes!

O armeiro adiantou-se com alguns homens d'armas, que haviam entrado atraz de Portocarrero; depois da leve defeza, ficaram desarmados os dois cavalleiros, e á mercê do seu contrario...

— ¡ Até que os alcancei! — bradou D. Reimão, com os olhos acesos em sinistro fulgor — faceis vem as traições aos que vivem d'ellas.... o segredo de que pendia a vossa vida revelou-me o escudeiro de Martim Cravo — ¡ a morte, que dispunham dar-me, acautelei-a pelo aviso do judeu!... ¡ oh! ¡ agora!....

— ¡ Não nos assassines — estamos á tua mercê! — exclamaram os dois caíndo de bruços.

— ¡ Não mil vezes não! — bradou Portocarrero — ¡ Mercê!.... e esquecem os covardes, que eu contei as feridas que tão fundas abriram no peito do velho; que o vi, estirado entre pedras tombadas, e traves encendidas, com o coração frio, e os labios desbotados.... ¡ e que não morri alli!.... ¡ mercê! ¡ pedís vós! — tornai-me primeiro ao meu passado tão risonho... ¡ cada dia a esfolhar-me esperanças, cada hora a coar-me alegrias e venturas pelo coração!....

¿quem me cerrou esse futuro tão esplendido? ¿quem me envenenou a essencia da vida?.... esta alma pura, e singela, quem a converteu em demonio? — ¡pobre vida que já vivi, que saudades tuas me dóem na alma!... ¡oh! e tudo isso espedaçaram elles contra a pedra ensanguentada de um sepulchro!....

Uma pauza solemne se seguiu: — de repente Portocarrero soltou um rugido, que era como o rebentar de todas as fibras do coração; e tirando a adaga deu dois passos para elles.

— ¡Misericordia! — bradaram os dois soluçando.

Recuou porém; e enfiando o bulhão, com gesto pauzado, accrescentou:

— ¡Não! ¡era mercê!.... homizío por homizío... ¡mas na forca peã e popular dos trédos!... ¡pagem! que enfreem o meu corredor pombo; — o meu montante bem afiado!... ¡ao castello de Montemor! — ¡Serão estas as primeiras arrhas da rainha de Portugal!.... ¡o resto pagar-lh'o-hei á volta!....

Luiz Augusto Rebello da Silva.

(Continuar-se-ha.)

PEQUENA AMOSTRA DE UMA RESPOSTA GRANDE.

(Vem de pag. 195).

MUSICA PROFANA NAS EGREJAS.

1223 Dois pontos havemos de tocar, mas que seja perfunctoriamente. — Um, menos importante, outro, importantissimo. — É o primeiro se — sim ou não houve profanação por musica nas duas festas, que estranhámos no artigo, *Civilisa-se entre nós o culto divino:* — segundo, se — é ou não repreensivel e condemnavel a intrusão dos trêchos da ópera nas solemnidades da egreja.

Quanto ao primeiro, começa o anónimo correspondente do *Portugal Velho* perguntando, d'onde vem que só agora se repreendesse na Revista este genero de abuso, que já muito d'antes existia, inferindo que algum motivo secreto de paixão deveu andar n'isto. — Tão infeliz é aquelle correspondente, quando discorre, como quando historía: a calúmnia é sempre o seu recurso. — Bem podéramos nós, não havermos fallado anteriormente em tal assumpto, e principiarmos agora: todas as coisas teem um comêço, e quando o que as faz, não as faz por obrigação, mas por zêlo, não ha que tomar-lhe satisfações por chegar tarde, mas sim agradecer-lhe porque chegou, quando muitos outros, que o podiam e deviam, o não fizeram: todavia, a nossa opinião já d'antes estava, bem explícitamente, declarada n'esta mesma folha. Se o crítico ahi a viu, e o negou, ¿que nome pertende que lhe demos? Se nos fez esta arguição sem se ter dado ao trabalho de percorrer o nosso Jornal, ¿que aprêço pertende, que façamos da sua consciencia? — Ora pois, como a suposição de motivo occulto e máu não se estriba em outro algum fundamento, rasgue mais essa folha do seu libello, porque eis-aqui o que já tinha saído n'este periodico no dia 8 de dezembro a pagina 152, no remate de um artigo de religiosissima intenção, como todos os nossos: — « Sabemos que alguem zombará d'estes «reparos — tanto peior para esse pobresinho, que não «tem alma para intender, nem coração para sentir, «nem instincto para dissimular a miseria da sua pro«pria intellectualidade! — Compreendam-nos ao me«nos os que podem e devem pôr ponto n'este escânda«lo. Bem sabemos que por moda passou para a egre«ja a musica da ópera; e que a ópera, em troca de «cortezia, recebeu da egreja o orgam, os sinos, as «freiras, as véstes clericaes e pontificaes, os hymnos, «o altar, e a cruz; — mas esta confusão de géneros «não é menos absurdo contra o culto estabelecido, do «que peccado contra a philosophia — Gretry, entrando «acaso em uma egreja, e ouvindo ao instrumental um «trêcho de ópera sua» — «Meu Deus» — exclamou — «perdoae-me, eu não a tinha composto para vós.» — «¿Que diria Gretry do nosso progresso? — Diria o que «nós por ora não ousamos a dizer.» — Nem tanto era necessario; o proprio artigo, que incendiou a bílis do correspondente, lá tinha expresso o desmentimento d'este seu commentario. — Logo no princípio diz — «Muitas festas de egreja se teem feito n'estes ultimos «tempos, que mereceriam descriptas n'este Jornal — «ou por outra, cuja memória devia ter sido empalha«da e mettida em museu litterario para estudo dos vin«doiros. — Deixemos porém as atrazadas, fallemos de «duas recentissimas, etc.» — N'outra parte — «O cô«ro dos diabos, ao levantar a Deus, como já ouvimos «na cathedral, e o incestuoso cazamento de Semíra«mis com Jeremias, como ahi algures se fez na Sema«na Sancta, estão gritando por uma completa reforma «nas antigualhas do rito, etc.» — E no fim — «A fes«ta da *Associação da Fé*, em Jesus, e a da Concei«ção, nos Anjos, e muitas outras antes d'ellas, e de«pois d'ellas muitas outras ainda provavelmente, não «foram, nem serão menos ímpias e absurdas.« — É sina e fadário de homem — não joga talho com que se não acutile; não produz argumento, em que se não enréde; não allega documento, que o não confunda: não dá como facto senão o que é completamente falsidade: o *psycómetro* applicado a uma tal cabeça havia de apresentar phenómenos da maior curiosidade.

Assentado e demonstrado, como está, que era á coisa, em si mesma, e não a pessoas, á moda em geral, e não a dois exemplos d'ella, que referiamos a censura, oiçamos o que ácerca d'estes mesmos dois exemplos affirma ou nega o nosso *mui verídico* analisador. — Na festa da *Associação da Fé*, em Jesus, apenas houve, diz elle, musica de capella; e na festa da Conceição dos Anjos, cantaram-se na véspera as conhecidas matinas de *Marcos* com o Te Deum de Fr. *José Marques;* e no dia a missa de *Casimiro.* — O que nós disséramos de musicas de Roberto e Dominó em ambas estas festas foi, segundo elle, falta de *verdade, calúmnia petulante e ignóbil mentira.* — Possivel era que por mal informados houvessemos escripto inexactidões, sem todavia lhes poderem caber os epithetos de *mentirosas, calumniosas e petulantes,* que o escriptor zéro tira de si para assentar n'ellas; porque taes designações só quadram, e são devídas, onde se prova, que houve má fé emvez de êrro, e emvez de engano passivo engano activo e acintoso. — A nenhuma das duas festas assistimos pessoalmente, e com tudo, ainda agora estamos persuadidos de que no todo, ou na máxima parte, foi certissima a relação, que nos fizeram, e sobre que recaíu a nossa diátribe. — Houve em Jesus duas festas grandes em dois dias consecutivos, e em uma das quaes, pelo menos, occorreu o notado escândalo; pessoas, que teem nome, nol-o confirmam: — ¿foi porém essa a da *Fé?* — talvez; mas postoque alguns nol-o assevérem, já o não ousamos nós asseverar; e folgamos com isso, porque desejamos sobrema-

neira que a *Associação da Fé*, em tudo seja e se mostre sancta e impeccavel. — Na festa dos Anjos porém, — reperguntadas por nós testimunhas presenciaes, que todas teem nome, e probidade, são muitas, e depõem conformes — mente o nosso desmentidor, e remente. — A estas asseverações, que por desinteressadas e insuspeitas fazem prova, como contraprova, que nos acábaria de convencer se fosse preciso, accresce a de ser negado o facto por negador tal. Quem grita, que ahi se não cantou musica profana, acabava de gritar poucos segundos antes, que a Revista Universal guerreava o Christianismo. — ¡ oh! admiravel invento das cartas anónimas! desappareceram, graças a ti, os impossiveis moraes! Os Thersítes entram nas pelêjas com os Heitores e apupam aos Achilles de covardes. ¡ oh! admiravel invento, que permittes figurarem de algum modo na republica litteraria os selvagens, uma vez que amarrem tanga sobre a obscenidade de seus nomes.

Enjoados d'esta frívola questão hypothética, seguiamos agora passarmos para a discussão da thése; mas, porque para essa se requer mais explanação, desatemos por hoje do seu póste o mascarado padecente, e recambiemol-o para o oratorio por mais oito dias. — Possa o exemplo, que de industria procurámos tornar sevéro, para escarmento dos estupradores da imprensa, aproveitar a outros e a elle mesmo, se não tem, como parece, a alma já de todo apodrecida.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1224 O regente de Hispanha regressou á capital, onde foi recebido friamente pela rainha, pelo povo e pela imprensa. O estado, em que deixou a provincia vencida, a barbaría, com que a tractam os cabeças, que n'ella poz, não parecem coisas nem da Europa nem do século: a expoliação e o assassinio são os meios pacificadores, que se empregam.

« Ce crime tombera bien lourd dous la balance »
« De ton mauvais destin. »

A imprensa independente de Madrid fez uma declaração contra qualquer tractado de commércio, que se haja de fazer com a Inglaterra, que não seja conforme a constituição, por ameaçar a industria do reino. Esta declaração é assignada pelo *Eco del Comercio*, *Heraldo*, *Peninsular*, *Castellano*, *Posdata*, *Catolico*, *Corresponsal*, *Guindilla*, *Revista de Madrid*, *Revista de España e Estrangeira*, *Reparador*, *Sol e Pavellon Español*.

A França, que não interveio nos disturbios de Barcelona senão como generosa e salvadora de infelizes, parece que por tal peccado descaíu ainda mais da graça da Inglaterra, que, segundo se affirma, fez pela sua parte inteiramente o contrário. Entre o embaixador inglez em París e o ministerio francez trocam-se officios espinhados. — As fábricas de vapor de Londres cantam o *hosannah*, os campos de Barcelona o *miserere;* a França não canta, mas murmura por entre dentes o *Quoúsque tandem abutére;* e o murmúrio da França é repetido por todo o mundo.

Na Inglaterra continuam a fome e os incendios; e apezar das victorias a baixa dos fundos. Os seus jornaes imputam á França as desgraças de Barcelona; — ha ainda alguma coisa peior do que ser assassino de um povo; é sêl-o e descarregar a imputação para cima de outro. Felizmente são assumptos estes, em que a historia já se não póde enganar; isso tem ao menos de bom os charactéres proverbiaes.

Em desconto de nojos, podemos annunciar, que se vão amiudando os exemplos de conversão para o catholicismo. Pelo ultimo paquete constou a do Reverendo *Bernardo Smith*, reitor protestante da paróchia de *Leadenham*, no condado de *Lincoln*, beneficio, que lhe rendia 900 libras, passante de 9 mil crusados! É já o terceiro clérigo protestante, ha dois annos a esta parte, que renunciou grossos cabedaes para entrar no grémio da egreja.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1225 *Diario do Governo de 5 de Janeiro de* 1843. — Ordem do Exercito n.º 2. Relação dos degradados para as ilhas de S. Thomé e Principe que partiram a bordo do navio *Prudencia*. Pela secretaria da marinha se faz annuncio de alguns signaes, que nas costas de Dinamarca se estabeleceram, e os direitos de balisa, que deverão pagar os navegantes.

Idem de 6. — Venda de bens nacionaes em Béja, Faro, Lisboa, Vianna, Coimbra, Portalegre e Evora.

Idem de 9. — Aviso de que na ilha de *Heyst* na costa occidental de Flandres se acha collocado um farol. Outro da Juncta do Credito público de que no dia 13 começará a troca da 5.ª serie dos bilhetes do Thesoiro.

REVELAÇÃO DE UM TALENTO ARTÍSTICO FEMINIL.

1226 Todas as bellas e boas artes pertencem por direito da natureza a ambos os sexos. Se o homem excede talvez na invenção, na ardideza, na perseverança — a mulher sobreléva, sem dúvida, no aprimorado, no bom gôsto, na graça. Graças e Musas, não sem razão, as fizeram damas aquelles bons dos gregos, ingenhosos fabuladores de realidades. Ha porém entre as artes, filhas do desenho, umas que por seu maior pêso parecem menos proprias do que as outras para mãos delicadas e melindrosas. A pintura alardêa em toda a parte, e até em Portugal, catálogos de cultoras suas, mui distinctas; emquanto a architectura de nenhuma talvez se gloría e a esculptura de pouquissimas. Eis-aqui porque o exemplo, que vamos citar, se torna muito mais digno de attenção, e inteiramente levará as admirações, quando accrescentarmos, que a esculptora portugueza, e ainda viva, de que assentamos registo, não conhece o desenho, e foi discípula de si mesma.

Na cidade do Porto nasceu aos 5 de julho de 1790, e n'ella vive, a Sr.ª D. Maria Margarida Ferreira Borges. — Mostrou-se, desde o princípio, modelo não menos de virtudes que de prendas e talentos. — Era adorada na familia, festejada na sociedade, e havida por todos, como espirito bem nascido, e bem fadado; mas a sua predestinação verdadeiramente gloriosa, essa — ainda mal — ninguem, nem seus paes nem ella a adivinharam a tempo de se cultivar para vir a dar todo o seu fructo: — ¡ Que dons de Deus se não malogram por estas terras feracissimas de Portugal! ¡ Quando será que a civilisação as acabe de desbravar!

Foi o acaso quem, já em annos crescidos, descobriu, por um vislumbre, o diamante desconhecido. — Achava-se na cidade seu irmão o conselheiro e imminente jurisconsulto, philósopho e legislador, o nosso chorado amigo, Sr. José Ferreira Borges. — Quizeram os seus conterrâneos honrar-se, tributando-lhe publicos testimunhos da grande e justa conta, em que o haviam. — Fundaram uma rua com o seu nome: ordenaram se esculpisse o seu retrato. — A cidade acabava de ganhar pelas armas o titulo de *eterna*, quiz enflorar o seu laurél, mostrando-se apreciadora e premiadora dos serviços e meritos da paz.

O artista, a quem se deu a lisonjeira preferencia, intendeu logo em se desempenhar d'ella com o maior

afinco, — e conseguiu-o com felicidade. — Assistiam ás sessões do retrato a espôsa e a irmã do sabio. — Dizem artistas, que para se bem sairem n'estas obras de cópia se ha-de mister, que o original esteja esquecido de tudo, contente, e com toda a alma desabrochada no semblante. Não podia cooperar na obra sociedade mais efficaz para esse fim. Sua irmã e sua espôsa eram as unicas duas rivaes, que a sciencia e a patria poderiam jámais ter no coração do grande homem.

Notava a Sr.ª D. Maria Margarida o olhar, os meneios, o estudo, as incertezas, os toques, as correcções do professor. O seu espírito andava todo na obra: sentia raiar por dentro uma luz nova: já na phantasia estava esculpindo e retratando. Acabado o trabalho, apartava-se com sua irmã, e com ella a sós, em um camarim, bem fechado, se detinha em secreto commércio de horas. — Suscitou curiosidades o misterio; pouco tardou que se descobrisse. — A mulher de seu irmão estava, como elle, retratada em um formoso busto de barro. — Era tentativa, e era triumpho. Resistia o acanhamento da auctora a que lh'o vissem mais olhos que os de seus íntimos. Foi vencida, e devia sêl-o. — Chama-se o artista; entra no aposento: avista aquella similhança tão viva e natural; pergunta pelo mestre, que tão bem surtiu na diligencia; amostram-lhe a que nem sequer era discípula; — sorri — duvída — assombra-se de ouvil-a confessar; pede-lhe que modéle na sua presença; resolvem-n'a; convenceu-se: — tudo alli vinha prodigioso: não só o desenho lhe era desconhecido senão que os proprios páus de modelar lhe falleciam. — O instincto lhe supria as regras; a invenção lhe fabricára os instrumentos; os dentes de um pente de tartaruga tinham sido por ella affeiçoados com o auxilio de uma lima, segundo que iam no trabalho occorrendo as necesssidades. Entre estes improvisados utensís, alguns havia de nova feição e desusados préstimos, que o artista, depois de os admirar, imitou, introduziu, e conserva no uso de sua officina. Desde então nunca mais desamparou a sua querida esculptura: os louvores, que todos os artistas (não ha invejas para damas) lhe liberalisavam, lhe converteram o recreio em paixão; e n'isso tem posto quantos dias e horas o incerto e melindroso de sua saude lhe deixa livres.

São as principaes de suas obras — o busto de sua cunhada, a Sr.ª D. Bernarda Candida Ferreira Borges, o do Sr. Duque de Bragança, que se conserva, com a devída estimação, em poder de Sua Augusta Viuva, a Imperatriz: os de suas duas primas D. Margarida de Moira Miranda, e D. Joanna de Moira Velloso, o do Dr. Miranda, o do nosso principiante e já illustre artista o Sr. Luiz Pereira de Menezes, e como sua obra prima o de seu fallecido e deplorado irmão o Sr. José Ferreira Borges, a quem era extremosamente affeiçoada.

Consta-nos que violentando a modestia, que é o realce de todas as prendas d'esta senhora, alguns amigos de sua familia forcêjam — para que a Academia das Bellas Artes de Lisboa dê um novo e galhardo exemplo de cortezia para com os talentos feminís, expedindo-lhe diploma de *académica* de *mérito*.

Não queremos citar o que outras academías estrangeiras teem feito em favor de artistas mulheres; porque não desejamos, que se attribua a imitação o que não deve ser senão motu proprio e generoso impulso, digno de almas consagradas ao culto do bello, como são as de todos aquelles, que devéras nasceram para as artes.

Ainda que um tal galardão se não houvéra jámais concedido, — para este caso se devêra elle inventar. — Não estamos hoje tão ricos de esplendores que hajamos de esperdiçar os que se offerecem. — Dê-se ao menos esta pósthuma recompensa ao nome de um sabio, cuja gloria assim deu occasião, a que nascesse a de uma artista.

FAMA.

1227 Vimos a primeira folha de um periodico dominical, que, sob o titulo de *Fama*, promette ser *jornal de litteratura e dos theatros: revista das sciencias e das bellas-artes.* — Desejamos que nunca se possa vir a dizer por esta *Fama* o que, pela fama em geral, disse o nosso Virgilio: —

« *Tam ficti pravique tenax, quam nuntia veri.* »

Mas de todos os mares litterarios o mais aparcellado, o mais cheio de correntes e contra correntes, o mais contrastado de ventos oppostos, e por epílogo de desgraça, o mais povoado de Serêas e Prothêus, é este, onde a pobre *Fama* vae desferir as suas vellas. — Boa viagem lhe desejamos; porém..... não quizéramos nós ir a seu bórdo.

A *Introducção* d'esta folha traz por nome de auctor um ponto de interrogação e acertadamente; que ninguem, havendo lido tão rico e formoso trêcho, deixará de arder em desejos de conhecer a mão, que tal escreveu; quanto a nós, adivinhâmol-a: e só por não querermos quebrantar o seu sigillo, é que não pedimos ao publico alvíçaras, declarando-lhe, que este collaborador do jornal dos theatros é o mancebo, de quem o nosso theatro mais se tem enriquecido; e em cujas corôas mais corôas futuras se annunciam. Folgâmos de encontrar entre os nomes, que adornam esta primeira folha, o do Sr. J. M. da Silva Leal, bem conhecido já do publico pela imparcialidade e elegancia dos seus juizos ácerca de spectaculos. O seu artigo *Theatro Nacional*, não apontando senão miserias, que é o que ahi ha, merecêra, pelo nacional espirito, que o anima, ser estampado em lettras de oiro. Os *Pensamentos sobre a educação*, assignados pelo Sr. *Perini*, necessitam de um commentario especial, em que hoje não podemos entrar.

Recommendâmos aos nossos leitores a licção d'esta folha, que principía mui noticiosa nos objectos, a que se dedica; e aos Redactores d'ella, que tenham sempre por divisa — JUSTIÇA e NACIONALIDADE.

O alvitre de assignar cada um os seus artigos é excellente, não só porque essa bizarria dá abonos seguros de justiça e nacionalidade; mas tambem porque d'este modo o louvor e censura dos escriptos recairão exclusivamente sobre quem os merecer. ¡Oxalá que toda a imprensa periodica adoptasse este costume!

BOLETIM ARCHITECTÓNICO.

1228 Lemos na *Fama*, que: — « Está concluido o « esgotamento da agua no cabouco do theatro-nacional « da praça de D. Pedro, o novo alicerce quasi termi- « nado, e assente a primeira pedra do cunhal. » — Damos os parabens aos homens da bomba; felicitações á primeira pedra do cunhal; e emboras ao Sr. Lodi. —

As chicanas da natureza nada valeram: a obra irá a cima, no que nenhuma duvida podia haver; e em chegando a cima virá a baixo, no que, segundo as demonstrações, tambem não póde haver nenhuma duvida; — pelo menos ainda até hoje se não provou o contrario; mas como isso vem longe, entretanto canta-se um triumpho. Pela nossa parte, triumphos assim não os invejamos; — e por isso, quando, d'aqui a alguns annos, o povo se junctar a rir e epigrammar sobre as novas ruinas do Rocio, queremos que se saiba, como houve portuguezes, que, até á ultima, combateram contra aquelle insensato disperdicio. — Estas páginas hão-de durar mais do que o theatro *agrião*, que nasce e se cria com o pésinho na agua.

MONUMENTO COM ESTATUA.

1229 Lemos tambem na *Fama*, que — onze diversos riscos tinham sido presentados á juncta, encarregada do Monumento do Sr. D. Pedro, e que d'elles se havia de fazer pública exposição. — Alguma coisa, e muito, podiamos dizer desde já a este respeito, mas não é ainda tempo. — Os que nos estranham de muito porfiar em certos objectos, lembrem-se que — nem um só d'elles deixa de ser de razão, de justiça, moralidade, e crédito portuguez. — Mais vil do que não entrar em taes guerras, só o póde ser o desistir d'ellas, depois de as haver encetado.

¡ ONDE ESTAVA UM BOM REMEDIO !

1230 Não aconselhamos a pessoa alguma a receita, de cuja efficacia vamos dar exemplo. — O escrivão, de quem dissemos no artigo 1164, haver-se lançado da janella abaixo n'um accesso de loucura, escapou da quéda; e pela quéda, segundo parece, está curado da manía. — Era o salto de Lèucade afamado, entre os gregos, pela sabida virtude para insânias amorosas: as namoradas que d'elle se despenhavam ao mar, se não morriam afogadas, morria-lhes afogado no coração e na memoria o amor, que as desatinára. Mais feliz que *Sapho*, o nosso escrivão, depois de malograr duas vezes os seus saltos suicídas á agua, ao terceiro, sobre uma calçada, recobrou o siso, e reviveu para o amor de sua espôsa e de seus filhos.

ACHADA DA PEDRA PHILOSOPHAL.

1231 Copiamos fielmente do *Diario do Governo* o seguinte annuncio: —

« *Offerece-se ao Governo um Projecto para amortisar* « *a divida externa e interna com vencimentos de juros*, « *em poucos annos, mediante a gratificação de vinte con-* « *tos de réis por uma só vez, logo que a transacção, pa-* « *ra este effeito se verifique.* »

BENEFICIO.

1232 A Assembléa Lusitana vae dar um baile de subscripção a favor das victimas da innundação da ILHA DA MADEIRA. — Os bilhetes custarão 1440 réis. O baile ha-de ser no 1.º de fevereiro.

EFFEITOS QUE PRECEDEM AS CAUSAS.

1233 Annunciou-se nos Jornaes d'esta cidade que na *terça-feira* 10, se havia de representar, em beneficio da Sr.ª Emilia, o drama *Maria Lescombat*, e as Proezas de Richelieu. Quando isto se annunciava, sabemos — que ainda a *Maria Lescombat* não estava licenciada pela Inspecção Geral. O *póde representar-se* da auctoridade, intendem os emprezarios normaes, que não deve influir coisa alguma nos seus spectaculos, mas que pelo contrario a vontade emprezaria, manifestada pelos annuncios; é que deve produzir um despacho, de formalidade. O Conservatorio, a Inspecção Geral, o Publico, e o senso commum são egualmente ludibriados por esta normalidade.

ASSASSINAMENTO.

1234 Em um dos dias da semana passada, appareceu assassinado, diz o Periodico dos Pobres no Porto, á esquina da rua do Paço da Marqueza, n'aquella cidade, um rapaz, que teria 16 annos, aprendiz de enxamblador: tinha na garganta uma ferida, que parecia de bayoneta ou ferro agudo. Diz-se que tinha por uso ir todos os dias áquella hora (6 da manhã) buscar agua ao chafariz da rua *Chã*. Não se lhe achou signal algum de roubo, nem consta de desordem.

ESTUPENDO PHENÓMENO.

1235 Jaz situado o logar do *Bairro* a pouco mais de meia legua para o noroeste de Óbidos, e menos de duas apartado do oceano. — Do casal de *Ganancio*, visinho a este logar do *Bairro*, saíam na madrugada de 3 de dezembro marido, mulher, e filhos a semear de favas uma sua fazenda, não mais remota do casal, que uns trinta passos: — como chegavam, estacam todos attónitos. A terra, que vinham semear, ronca lá por dentro; alvorota-se; rebenta, roja aos ares grande porção de si mesma: ainda bem não é esta recaída no sólo, quando do boqueirão repuxa, com ímpeto desmedido, uma grossa columna de agua de espantosa altura. O tópe, bracejando e dispartindo-se n'um labirintho de fios para todas as partes, offerecia aos olhos atterrados um bello spectaculo; parecia um encantamento de contos persas, uma arvore de christal e diamantes. Um quarto de hora permaneceu este especioso prestigio, desfazendo-se e renovando-se simultâneamente, e cobrindo com a sua rorejante ramada a terra, que não cessava entretanto de rebramir. Emudece o trovão; desata-se e precipita-se todo aquelle líquido portento para a mesma cratéra que o golfára, tanque de cinco varas de diâmetro e perfeitamente circular; — á columna succede uma larga torrente, que da mesma matriz se devolve pelo pendor das terras, pelo espaço de dois dias. Minorado com a demora o primeiro susto afluem curiosos, sondam com pinheiros o golfão; os pinheiros engolem-se, e desapparecem. — A este primeiro manancial de agua salgada segue logo outro de agua doce.

O mar no dia 8 ouviu-se roncar, por duas vezes, medonhamente; e tamanha e tão amotinada foi n'esse dia a estuação no poço, que os moradores do casal espavoridos fugiram para o logar do *Bairro*.

Eis o que o nosso diligente collaborador de Peniche, o Sr. *José Nicolau da Silva Franco* nos participa, reportando-se a uma carta, que da Villa de Obidos lhe dirigiu pessoa mui sisuda.

TENTATIVA DE ENVENENAMENTO.

1236 Referem os jornaes do Porto, que fôra preso n'aquella cidade um gallego, por haver lançado vidro moido em uma garrafa de vinho, destinada para a

mesa de seu amo, o Sr. Antonio Luiz Nogueira de Freitas. Não se nos conta a causa, nem circumstancia alguma d'este attentado.

MISCELLANEA NOTICIOSA.

1237 *Viver sem comer.* — O Sr. Bernardo Antonio Cardoso Machado, nosso correspondente de *Gonjoim*, torna a escrever-nos ácerca d'aquella rara donzella, da freguezia de *Valdissem*, no julgado de *Lamego*, de que fizemos historia em o nosso artigo 532 sob o titulo de *Cameleão Humano:* e diz: que ainda aquella assombrosa moça existe, e vae continuando a sua vida sem comer. Ao presente não toma por dia mais de que uma chávena de caffé, que, passados tres segundos, torna logo a despejar sem diminuição.

Este nosso correspondente, curioso registador de raridades, como bem importára que o fossem os governadores civís, por esta occasião, nos vem relatando algumas outras, mais antigas, de que deixou posta memoria em seus quadernos, e que, apezar de por suas datas quererem refugir do nosso quadro, não consentiremos em que se esperdicem, e são as duas, que seguem: —

Um phenómeno de physiologia zoológica. — O abbade José Antonio Pinheiro Vieira e Silva, hoje fallecido, tinha na sua residencia da freguezia da *Figueira*, termo de Lamego, em 1834, uma galga, uma perdigueira, e uma podenga. Andava prenhe a podenga. A galga, que não o estava, nem jámais o estivéra; nos ultimos quinze dias antes do parto da amiga, seguia-a por toda a parte, era lhe inseparavel. Mal vieram a lume os cachôrros, apossa-se d'elles, perfilha-os á força; espanca e afugenta a mãe; e, sem haver tomado nenhuns banhos de bafureira, amamenta-os, e cria-os. No anno seguinte tornando a podenga a andar cheia, combinado com o abbade, com o cura, e algumas outras pessoas, a quem o precedente successo causára grande estranheza, intendeu o nosso correspondente em examinar, se se repetiria a maravilha.

Quinze dias antes do parto, torna a galga ao seu fadario de seguir e espreitar a companheira: tomam-n'a ás mãos, vão lhe ás têtas; acham leite. — Nascem tres podenguinhos; conquista-os á dentada; encafúa-se com elles; aleita-os, acaricía-os, e mantém-n'os como verdadeira mãe. — No anno seguinte renovou-se a mesma scena, e não se reproduziu mais, porque a pobre caçadora de coelhos morreu: e dos filhos da sua amiga perdigueira nunca a nossa donzella galga fez caso algum. — Este successo vem acreditar o que em alguns livros de medicos se lê de mulheres, que foram amas sem terem sido mães; e entre outros, o de uma virgem preta na primeira flor dos annos, que vindo com sua senhora da América para França, e morrendo na viagem a ama, que dava o peito a um filho d'esta, tanto se deixou entranhar da lástima de tal desamparo, e tanto se accendeu no desejo de lhe acudir, que mettendo a têta na boquinha da creatura, para ao menos calar o chôro e enganal-a piedosamente, ressumou leite, que logo foi em crescimento e superabundou, por onde com grande gosto e admiração de todos se perfez a creação.

Trovoada rasteira. — Em *Gonjoim* a 14 de dezembro de 1820 estando o mesmo Sr. Cardoso Machado com o padre fr. Manuel de Sancto Antonio, filho d'aquella villa, observaram uma espessa névoa, que, fechando no Doiro, distava d'elles um tiro de espingarda, e por cima da qual se descortinava a margem de além. Rompe da névoa um grande relâmpago, e estoira dentro uma bombardada estrondosa. Muita gente da povoação, nos diz elle, presenciou aquillo; e o trovão foi com susto ouvido pelas povoações de *S. Adrião, de Sancta Leocadia, e Folgoza.*

PREMIOS UNIVERSITARIOS EM 1842.

Faculdade de Theologia.

2.º Anno.

1238 1.º Premio — João Antonio de Oliveira e Silva.
2.º Dicto — Manuel de Sequeira Ferrão.
1.º *Accessit* — Joaquim Cardozo de Araujo.
2.º Dicto — Antonio José de Freitas Honorato.

1.º Anno.

Premio — Antonio de Vasconcellos Pereira e Mello.
Accessit — Luiz Caetano Lobo.

Faculdade de Direito.

5.º Anno.

1.º Premio — Ricardo Teixeira Duarte.
2.º Dicto — Manuel Joaquim da Silva.
1.º *Accessit* — Eduardo Augusto Pereira Brandão.
2.º Dicto — Francisco Manoel de Andrade Magalhães Machado.
3.º Dicto — Hermenegildo de Faria Blanc.
4.º Dicto — José de Ornellas da Fonseca e Napoles.

4.º Anno.

1.º Premio — Carlos Zeferino Pinto Coelho de Castro.
2.º Dicto — Luiz do Pilar Pereira de Castro.
1.º *Accessit* — Victorino da Rocha Leite.
2.º Dicto — Cassiano Sepulveda Gomes Teixeira.
3.º Dicto — Luiz de Almeida de Albuquerque.
4.º Premio — Jacomo Borges Pacheco Pereira.

3.º Anno.

1.º Premio — Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.
2.º Dicto — João Maria Mergulhão Neves Cabral.
1.º *Accessit* — Francisco Maria da Guerra Bordalo.
2.º Dicto — José Gabriel Holbeche.
3.º Dicto — José Hyppolito de Sousa Franco.
4.º Dicto — João Hygino Teixeira Guedes.

2.º Anno.

1.º Premio — Manoel Maria da Silva Bruschy.
2.º Dicto — Adriano Antão Barata Salgueiro.
1.º *Accessit* — Antonio Maria do Couto Monteiro.
2.º Dicto — Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros.
3.º Dicto — Antonio Mendes de Almeida.
4.º Premio — José Ferraz Tavares de Pontes.

1.º Anno.

1.º Premio — Joaquim da Rocha Pinto e Sousa.
2.º Dicto — Antonio Julio Pinto Ferreira.
1.º *Accessit* — Antonio David Leitão.
2.º Dicto — Antonio José de Carvalho Montenegro.
3.º Dicto — José da Encarnação Coelho.
4.º Dicto — Joaquim Cardoso de Araujo.

Faculdade de Mathematica.

5.º Anno.

Premio — José Teixeira de Queiroz e Almeida.

4.º Anno.

1.º Premio — Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu.
2.º Dicto — D. Luiz de Azevedo Sá Coutinho.
1.º *Accessit* — José Mamede Alves Ferreira.
2.º Dicto — Alexandre Theofilo de Carvalho Leal.
3.º Dicto — Augusto Freire de Carvalho Macedo.

3.º Anno.

1.º Partido — José Osorio de Castro Cabral e Albuquerque.
2.º Dicto — Luiz Albano de Andrade Moraes.

2.º Anno.

Partido — Antonio de Serpa Pimentel.
1.º Premio — Antonio Alves da Silva.
2.º Dicto — José Maria Corrêa da Silva.
Accessit — Silverio Augusto Pereira da Silva.

1.º Anno.

1.º Partido — Caetano Manuel Roque Alvares.

2.º Dicto — Augusto Ernesto de Castilho e Mello.
Premio — Deziderio Antonio Fortunato de Frias.
1.º *Accessit* — Antonio Constancio da Silva.
2.º Dicto — Manuel Salema de Sousa Gouvêa

(Continuar-se-ha.)

NAUFRAGIO.

1239 A 23 de dezembro se perdeu na foz do Doiro o hiate S. João Baptista, que ía da Figueira para o Porto com agua-ardente e outros géneros. Salvou-se parte da carga e toda a gente.

UM QUEIMADO POR CONTUMACIA.

1240 Em uma fábrica de loiça, lá para as partes da Estrella, havia um gato, preto como um azeviche, estimado na officina pelas suas boas prendas, mas teimoso, como todos os da sua especie. N'um dos dias da semana passada, emquanto carregavam o forno de lenha e loiça, apeteceu-lhe entrar n'elle: entrou; sentiu gosto em divagar n'um labirintho sem Minotáuro; e tanto se embeveceu n'aquelle exercicio, que por mais que de fóra o chamassem, não dava por nada. Em vão lhe chegavam á bocca do forno sardinhas e outras golodices mais do seu paladar; incitando-o com afagos a vir tomal-as. — Por elle se podia dizer, o que dissemos pela empreza da ópera lyrica dos Condes — de bruto o tinha Deus feito mais bruto para o perder. — Os pratos cheios e cheirosos não o namoravam tanto n'aquella hora, como as terrinas vasías e cruas que andava visitando. Costumava acudir ao assobio: assobiavam-lhe o *Dominó-preto* de que era muito apaixonado, resistía: era perdido de amores por uma gata amarella, sua prima; chegaram-n'a á entrada; fizeram-n'a miar lastimosamente apertando-lhe a cauda e «*a nada o bruto se moveu.*» A sua indómita liberdade valia mais para elle n'esse momento do que a sua Ariadna, a quem apenas de longe respondia. Exhausto o soffrimento, os artífices, que não podiam desmanchar a fornada, nem esperar pelo fim de uma phantasia, que já durava, havia 48 horas, e que podia durar como a dos homens da bomba do theatro do Sr. Lodi; e demais receando a ruina, que aquelle despropositado viajar podia fazer na loiça ainda branda, lançam fogo á lenha e tapam o forno, que já não é possivel tornar-se a abrir antes de concluida a cozedura. Esperavam-se miáus horrorosos, não se ouviu mais do que o zunido do fogo. Quando o forno se tornou a descobrir, estava o infeliz em pé á entrada, com o focinho juncto a uma fisga; alvo e alvissimo, como se fôra de jaspe. Apenas lhe tocaram, soltou-se, como os cadaveres de Pompéa, em um monte de cinzas.

Offerecemos este assumpto para ultimo quadro de um drama romantico a algum poeta da eschóla de Victor Hugo. O theatro deve representar o forno visto por dentro, e a poesía a desesperação da victima accommettida das chamas por toda a parte.

O MEZ DE AGOSTO.

1241 Vive no logar de Barronhos, freguezia de Carnaxide, um fazendeiro de 99 annos feitos, chama-se Antonio Domingos. Teve mulher e tem filhos; homens possantes, resolutos, mas pacificos e honrados. Trabalhou, emquanto pôde, no grangeio das suas fazendinhas, e comeu o pão com o suor do seu rosto. Agora, mantido por seus filhos, fertilisa, sem cavar, as terras dos visinhos. Deu-lhe Deus uma cara de páschoas, sempre alegre, que annuncia felicidades; e adquiriu elle, por um seculo de trabalhos e bons costumes, a estimação de quantos o conhecem, e uma fama, que trasborda por muitas aldêas em redondo. Ninguem se lembrou jamais de semear, ou podar, de começar a ceifa, ou a vindima sem ir primeiro alcançar de Antonio Domingos, que fosse abençoar-lhe a terra, a eira, ou o lagar: ninguem empreendeu jornada um pouco mais longa, ou encetou demanda, sem se apparelhar com as suas orações. A bôda, a que elle não assistisse, havia de augurar ou esterilidade, ou descendencia com aleijões: — em summa, os proprios namorados, ainda noviços, lhe encommendam, misteriosamente e com todo o segredo, alguns responsos, d'aquelles que elle sabe, por uma intenção *particular*. É uma existencia patriarchal, e nenhuma outra lhe podéra ser comparada, senão fosse o haver em cada anno um mez de agosto.

Apenas se põe o ultimo sol de julho, anoitece-lhe a alma, que já não torna a descerrar-se senão ao romper da primeira madrugada de septembro. No primeiro dia de agosto confessa-se, communga, despede-se com muitas lagrimas de todos seus filhos, parentes e amigos, fecha-se em casa, e não torna a largar das mãos desfallecidas um grosso ramal de camaldulas de Jerusalem, marchetadas de madre-pérola, que já contaram as rezas de seu pae, de seu avô, e Deus sabe de quantos outros seus esquecidos ascendentes. É porque este mez, é o exactor providencial a quem tem pago, e a quem espéra de pagar, todos os tributos mais dolorosos da sua vida. N'este mez lhe falleceram o pae, a mãe, a mulher, tres filhos, e muitos parentes. N'este nasceu, casou, e enviuvou: n'este lhe aconteceu o unico disturbio, que teve, e as poucas molestias, que experimentou; n'este, perdeu um amigo, emprestando-lhe dinheiro; n'este, lhe chamaram, um dia, herege e ladrão; n'este, emfim, ouviu fallar, pela primeira vez, em decimas industriaes. É mais que bastante para estar, como está, convencido de que não póde ser outro, senão este o que o esbulhe da posse velha d'este mundo, em que elle tão bem se dá, e que tão bem se dá com elle. Com todos os outros onze, quer chôva, quer vente, ou cáia neve ou calma, ou venham terremotos ou chólera, revoluções da natureza ou revoluções dos homens, pouco se lhe dá. Aquelle é o seu calcanhar de Achilles, por todas as mais partes é invulneravel. Se alguem lhe diz, que se espanta da sua abusão, e o moteja pelas suas melancholias de agosto, responde-lhe, mui lampeiro — que mais se espanta elle, de que haja em agosto uma cara alegre; sendo para elle artigo de fé, que em nenhum outro mez, senão em agosto, é que se hade acabar o mundo.

UM SANCTINHO.

1242 Da *feira dos treze* navegavam para Ovar, com o administrador do concelho da mesma villa, entre outras pessoas, tres moradores da aldêa de *Lombotravésso*, na freguezia de Vagos, cujo mais rico era um pobre e esfarrapado ferreiro, que se ía ao Porto a concertar uma sáfera velha. D'estes tres individuos se compunha o cortêjo de um quarto, que sendo o mais maltrapilho de todo o rancho, era o alvo contínuo de suas attenções e respeitos: é porque, segundo estes singulares cortezãos misteriosamente segredavam no ouvido

dos outros passageiros, aquelle homem reunia em si todo o genero de verdadeiras grandezas. Parente muito proximo do Padre Sancto; sancto elle proprio, perseguido, perigrino e prophéta. — Tres dias antes apparecêra pela primeira vez na aldêa. — A sua linguagem estrangeira era apenas intelligivel; sem os acênos e signaes, com que a animava mal haveriam podido entrar com elle em relação.

Perguntado d'onde vinha, para onde ía, e quem era, fez a poder de rodeios comprehender — que havendo tomado a bençam ao tio pontifice se embarcára em um navio, que de Roma se fazia de vélla para Villa Nova de Gaia, com úma grande carregação de fazendas para um primo, que ahi tinha, mercador grosso, meieiro seu no commercio, e consul da sua nação: que déra á costa nas Berlengas não se salvando de todo o cabedal e gente, mais que só elle com algum oiro, o que havia por milagre nascido das muitas orações e promessas que fizera a Deus e a todos os sanctos. Chegado a terra de Portugal deram com elle os ladrões, deixando-o roubado de tudo e nú no meio de uns mattos muito feios e solitarios; onde vindo a encontral-o uns caçadores, e condoídos do seu tamanho desamparo, lhe deram para se cobrir aquelles farrapos que trazia. — Estas lástimas e a manifesta piedade do perigrino moveram todos os corações de Lombotravêsso: misturaram as suas lagrimas com as d'elle, que as derramava em abundancia; houveram-se por felizes de dar meza e poisada a quem tanto edificava com o bom exemplo, que, se ouvia praguejar, desviava o rosto, e de mãos postas pedia — se comedissem n'aquelle máu costume. — Lamentava então mais do que a perda do dinheiro a das muitas relíquias, que o mar lhe comêra, das quaes algumas tinham a virtude de extirpar da alma aquellas e outras manhas. — D'aqui passava a prophetisar a cada um pelas riscas da mão a sua boa ou má fortuna, confirmando o credito dos seus prognosticos com a certeza, com que lhes fallava de algumas coisas de sua vida passada, (coisas é verdade em que elles tinham conversado na sua presença, mas que elle sendo estrangeiro lhes não podia intender).

Todo o verdadeiro merecimento é encolhido: as quasi adorações que lhe tributavam, tão sobremodo o affligiam que instava — porque não espalhassem na visinhança aquellas enchentes de misericordias de que Deus usava para com elle. Que o seu maior gôsto não era o ser conhecido e festejado por prophéta, mas viver ignorado e quieto, tractando o mais do tempo dos negocios de sua alma, e nas horas vagas dos de seu primo de Villa Nova.

Todo o praso, que na aldêa permaneceu, foi assignalado pelo mais edificante comportamento. Com a affeição que grangeára, houvéra podido, se fosse um tunante, despejar-lhes as casas, e levar todos os moradores para onde lhe approuvesse. Ao revéz d'isso, rogou-lhes ao despedir-se, — que se deixassem ficar pacificamente, encommendando-se a Deus, e contentando-se com a companhia de dois, a quem rogou lhe servissem de guia até ao Porto, com promessa de lá os galardoar com doze moedas para entre ambos.

O ferreiro, que necessitava de mandar emprastar a sua sáfera velha, aproveitára da boa conjunctura, e todos os tres caminhavam para a cidade eterna com o filho da outra cidade eterna, que jaz enterrada.

Todos estes pormenores, cochichados primeiro ao ouvido, tornaram-se dentro em pouco assumpto da conversação. Já o manto da humildade o não podia encobrir. Eram mãos perdidas; no mar não se póde fugir tão facilmente á celebridade como em terra; restava merecel-a fazendo novos beneficios; prégou, tomou por thema as pragas dos barqueiros e foi eloquente em italiano. Havia porém no auditorio um coração, como o de Pharaó, que á proporção que elle multiplicava as suas maravilhas mais se ía endurecendo: este coração egypcio, múmio, e piramidal, era o do administrador, que, interrompendo-o no meio de uma das suas exhortações mais ardentes, lhe perguntou pelo passaporte: pergunta tão impropria para nota de um sermão, e tão descostumada nas vidas de todos os sanctos, que o orador emmudeceu e nunca mais tornou resposta a pessoa alguma. Na sancta indignação que o animava, lia-se — que se podesse, sacudiria a poeira dos seus çapatos no barco dos ímpios, e se retiraria para onde nunca mais ouvisse fallar em administradores de concelhos.

Pela volta das dez da noite sentindo já perto o desembarcadoiro, voltando-se para um dos guias lhe disse, á orelha, — «querem prender-me por não trazer passaporte; e eu quero livral-os d'esse peccado. Saberás que, em chegando a terra, fujo.» — Vendo o assombro que estas palavras, proferidas em portuguez, haviam causado no ouvinte — «não te espantes — continuou elle — sei fallar todas as linguas. Sirvo-me da que Deus me determina para minha conveniencia. Sou portuguez de nascimento. Emquanto ao fugir, hei-de fazel-o como t'o prophetiso, fugirei. Dirás a teus companheiros, que no alto da Bandeira os espero, á entrada de Villa Nova: lá vos pagarei o promettido. Adeus e silencio.» —

Logo ao tocar no caes se desempenhou a primeira parte do seu vaticinio: desappareceu. — Passada a noite na villa, levantaram-se os nossos tres ao amanhecer, e partiram todos esperançosos para o termo dado. — Se jámais houve dia de chuva foi aquelle. Chegaram já ao cerrar da noite ao *Corvo*. Pedia-lhes o corpo que pernoitassem, que íam já todos, como o propheta quando saíra do naufragio. Dizia-lhes a fé que fossem por diante — foram. Já passaram Villar do Paraizo, já vão chegando ao alto da Bandeira. Rebentam da terra cinco homens; deteem-n'os; desvalijam-n'os de quanto levam. Sommava-se ainda a vinte e tantos mil réis o metal d'entre todos tres, não fallando na bigorna velha do ferreiro que alli ficou servindo de monumento *sem estatua* d'aquella catastrophe. Arripiaram logo a jornada para Lombotravêsso, mantendo-se por toda ella com as esmolas que vinham pedindo, e que ninguem deixava de lhes dar, assim como o nome de *tolos* apenas ouviam a sua aventura.

Perguntar-nos-heis pelo sobrinho do papa; não faltou ao promettido; esperou-os no sitio indicado; viram-n'o, ou julgaram, vel-o emquanto os cinco os aliviavam, posto de largo e meio encoberto com um muro. O terem escapado com a pelle fôra, foi porventura um milagre d'aquella boa alma que d'este modo lhes pagou com um bem de muito maior valia, o que em dinheiro lhes ficou devendo.

Relata-nos todas estas particularidades o Sr. João Ferreira da Cruz em carta datada de Vagos aos 4 de dezembro de 1842.